



Quando é preciso voltar

ZIBIA

GASPARETTO

ditado por LUCIUS

ZIBIA GASPARETTO

DITADO POR LUCIUS

Quando é preciso voltar

Revisão e Editoração Eletrônica

João Carlos de Pinho

Direção de Arte

Luis Antonio Gasparetto

Capa

Kátia Cabello

Foto 4 capa

Renato Cirone

3 edição

Novembro — 2001

10.000 exemplares

Publicação, Distribuição

Impressão e Acabamento

CENTRO DE ESTUDOS

VIDA & CONSCIÊNCIA EDITORA LTDA.

CAPÍTULO 1

Enquanto ele olhava através da janela do trem, seu pensamento se perdia em amargas reflexões, seus olhos não percebiam as paisagens que se sucediam e seus ouvidos ignoravam o ruído cadenciado que movimentava seu corpo no banco duro e frio.

Ele não queria olhar para trás. Preferia seguir adiante, recomeçar. Entretanto, estava sendo difícil. O passado o oprimia e ele não sabia como sair dele, como esquecer, como apagar da memória aqueles momentos de desilusão e de agonia.

Tudo passa neste mundo...

Alguém, à guisa de consolo, dissera-lhe isso, e ele pensou:

“Talvez porque esteja olhando do lado de fora e não seja ele o envolvido. Tudo fica fácil quando não se trata de nós. Todos temos sempre na ponta da língua um remédio para a dor alheia, uma solução infalível. Para mim esse recurso não vale nada.”

Inconformado, ele deixara sua casa andando sem destino, preso aos seus pensamentos angustiados. O que ele queria mesmo era sair dali, deixar tudo, como se, indo embora, estivesse arrancando a ferida que o consumia.

Dirigira-se à estação, tomara um trem, sem se importar para onde o levaria. Queria fugir, esquecer. No entanto, embora o trem se distanciasse, a mágoa seguia com ele, não o deixava.

Ah, a dor da traição! A vergonha, a desilusão! Dez anos de casamento, dois filhos, uma relação que

parecia bem estabelecida. Nada disso era verdade. Nada estava bem. Tudo estava errado. Quando ela teria começado a trair? Desde quando ela tripudiava sobre seus sentimentos?

A esse pensamento, a angústia voltava mais forte do que nunca e a cena chocante dos dois se beijando reaparecia diante de seus olhos.

O susto deles percebendo sua presença, a tentativa de explicar, como se isso fosse possível. O medo de que ele os matasse.

Vontade ele teve, mas como poderia? Não acreditava que a morte fosse solução. Alguns parentes mais próximos esperavam isso. Ele continuou preso ao fio de seus pensamentos:

“Eu sei que eles esperavam. Chegaram até a dizer que a lei estaria do meu lado se eu resolvesse fazer justiça com as próprias mãos. O adultério é justificativa mais do que aceita pela justiça. Mas e eu? Como ficaria? Não sou um assassino. Não tenho o direito de tirar a vida de ninguém, seja lá pelo que for.”

O pensamento de que Clara não o amava mais o feria fundo. Ele tinha consciência de haver cumprido da melhor maneira sua parte do compromisso conjugal. Ela nunca demonstrara estar aborrecida nem sem interesse.

Haviam passado tantos momentos bons juntos! Tantas alegrias e esperanças! Ela com certeza esperava mais. Por que nunca falara nada? Por que não expusera sua insatisfação para que pudessem melhorar o relacionamento?

Ele tinha certeza de ser compreensivo. As pessoas costumavam apontá-los como exemplo de felici-

dade conjugal. Que ilusão! Ela não era feliz! Ele havia fracassado. Por mais que tentasse esquecer, o pensamento de fracasso o oprimia. Ele era o culpado de tudo. Não soube alimentar a felicidade do seu lar.

Depois disso, haveria lugar para ele no mundo? Não seria melhor desistir de viver? Talvez essa viagem não conseguisse apagar a dor. Esquecer estava difícil. Onde quer que ele fosse, a ferida iria junto, estava dentro dele.

Morrer. Apagar todas as lembranças. Isso sim seria o melhor. Nunca mais lembrar de nada, descansar. Não ver mais a cena odiosa, nem contemplar a própria impotência, o próprio fracasso. Sim. Talvez essa fosse a solução.

Ninguém diria que ele era um fraco, um covarde ou um insensível. Era preferível acabar com a vida a matar. Poderia atirar-se do trem e acabar de uma vez com tudo.

Oswaldo levantou-se do banco e dirigiu-se para a porta do fundo vagão. Abriu-a e saiu, fechando-a de novo. Segurou na grade mureta sentindo o vento agitar seus cabelos e o corpo sacudido pelos movimentos.

O trem passava por um barranco. Ele estava no último vagão. Olhando os trilhos que iam ficando para trás, pensou:

“Se eu me atirasse barranco abaixo, seria o fim. O esquecimento, a paz.”

Pensou nos dois filhos pequenos. Um dia eles iriam entender seu gesto. Decidido, fechou os olhos e atirou-se.

Seu corpo rolou pela ribanceira e ele desfaleceu. O trem seguiu adiante, e ninguém viu o que aconteceu.

Muitas horas mais tarde, dois homens em uma carroça passando pela estrada viram o corpo. Pararam imediatamente, desceram e foram até lá.

— Pai, acho que ele está morto — disse o jovem, colocando a mão sobre o peito de Osvaldo.

— Pode estar só desfalecido. Vamos colocá-lo na carroça. Com cuidado, porque pode ter quebrado alguma coisa.

— Isso pode complicar. E se ele estiver morto?

— Se estiver morto, daremos uma sepultura digna. Não temos nada com isso e não precisamos temer. O que devemos é ajudar. Vamos.

Com muito cuidado, eles levantaram Osvaldo e puseram-no na carroça, sobre o material que haviam ido comprar na cidade.

— Pai, não sei, não. Ele está pálido feito cera. Não sei se fizemos bem trazendo-o.

— Era nosso dever. Deus o colocou em nosso caminho para que pudéssemos ajudar. Aprenda isso, Diocleciano.

— Sim, pai.

Chegando ao pequeno sítio onde residiam, pararam em frente a casa simples mas limpa e imediatamente dois cachorros vieram latindo alegremente, seguidos por duas moças e uma senhora. Vendo o corpo dentro da carroça, pararam curiosas.

— O que aconteceu, João? — perguntou a mulher.

— Encontramos este homem caído no mato. Parece mal.

A senhora aproximou-se de Osvaldo e colocou a mão sobre seu peito.

— Não dá sinal de vida— disse Diocleciano. — Acho que está morto.

— Não está, não — respondeu ela. — Mas está mal.

— Eu não podia deixá-lo lá sem socorro.

— Fez bem, João. Traga-o para o quarto de Juvêncio. Ele foi embora mesmo. Vamos ver o que podemos fazer.

As duas moças olhavam curiosas. A mãe disse-lhes:

— Vocês duas, vão pôr água na chaleira para ferver. Vamos tentar acordá-lo. Se não melhorar, podemos chamar o seu Antônio do vale.

— Vocês dois, carreguem-no com cuidado. Pode ter quebrado alguma coisa.

Os dois pegaram Osvaldo e o levaram até o pequeno quarto que pertencera a um sobrinho de João e que se mudara para a cidade havia poucos dias.

— É melhor colocá-lo na esteira primeiro. Está coberto de poeira.

Rapidamente, a esposa de João apanhou uma bacia e voltou em seguida com água quente e sabão.

— Diocleciano, pode sair enquanto João me ajuda a lavá-lo. Quando for para colocá-lo na cama, eu chamo.

O rapaz obedeceu e foi logo cercado pelas duas irmãs, que queriam saber todos os detalhes. Embora não tivesse muitas coisas para contar, ele fez suspense

e fantasiou o mais que pôde. Quando a mãe chamou, ele atendeu e ajudou o pai a colocar Osvaldo na cama.

— E agora, o que faremos? Ele não dá sinal de vida. Parece mesmo morto.

— Morto ele não está. Ponha a mão aqui. O coração está batendo. Vou pôr um saco de água quente nos pés, estão gelados.

Ela providenciou tudo, mas Osvaldo não recobrava os sentidos.

Maria apalpou cuidadosamente o corpo dele, dizendo ao marido:

— Parece que não quebrou nada. Não há sinal disso nem nos lugares onde ele bateu que estão roxos. Veja você.

João apalpou e concordou:

— Ele parece que não quebrou mesmo nada. Mas quem sabe bateu a cabeça, machucou por dentro.

— É, pode ser. Nesse caso é melhor mesmo chamar seu Antônio. Ele é um bom curador.

— Agora já está quase escurecendo. Ele mora muito longe. Amanhã cedinho Diocleciano vai buscá-lo.

— Vou matar uma galinha e fazer um caldo. Seu Antônio vai ficar para o almoço. Ele gosta muito de galinha.

— Mande Aninha fazer um bolo de milho para o café.

Maria concordou e disse:

— Vou fazer um chá de arnica. Quem sabe ele consegue beber um pouco. Também vou fazer umas compressas nos lugares inchados.

— Isso, mulher. Talvez ele acorde antes de amanhã. Vou chamar o Brinquinho para tomar conta dele.

Saiu para o quintal chamando:

— Vem, Brinquinho. Você vai ficar aqui tomando conta dele. Se ele acordar, me avise.

Maria riu enquanto dizia:

— Como um cachorro vai avisar?

— Ele fala comigo sempre. Ele late e eu sei o que ele quer dizer.

Ela abanou a cabeça.

— Você e suas idéias...

— Ele é tão inteligente quanto uma pessoa. Você vai ver.

Enquanto ela na cozinha preparava o chá, João olhando o rosto arranhado e um pouco inchado de Osvaldo pensava: como aquele moço fora parar ali? Tinha boas roupas, parecia pessoa da cidade e de trato, o que estaria fazendo por aquelas bandas? Teria sofrido algum acidente? Não havia nenhum indício no local. Talvez houvesse alguns documentos em suas roupas.

Maria trocara-as por uma limpa. Foi procurá-la.

— Maria, onde estão as roupas do homem?

— Na tina para lavar. Por quê?

— Quero ver se há alguma coisa, algum documento. Já procurou?

— Ainda não. Melhor você ver.

João saiu e voltou logo com uma carteira e alguns documentos na mão.

— Olhe aqui. O nome dele é Osvaldo de Oliveira. Nasceu em São Paulo. Aninha leu tudo para mim. Tem dinheiro na carteira.

— Vamos guardar tudo direitinho.

— Está certo. Parece gente de bem.

— Não preciso de documento para ver isso. Olhando nele eu já vi. É gente boa.

— Como terá se metido nessa aventura? O que estará fazendo por aqui?

Maria deu de ombros:

— Saberemos tudo quando ele acordar.

— E se ele não acordar?

— Não diga isso. Se ele não acordar até amanhã, seu Antônio dá jeito.

CAPÍTULO 2

Seu Antônio só chegou ao sítio depois do meio-dia. Diocleciano saíra ao raiar do dia, mas a casa do curador era muito distante. Ao chegar, os cães e toda a família saíram para recebê-lo.

Depois de abraçá-los, Antônio, um mulato forte de grossos lábios sempre entreabertos em generoso sorriso, cabelos já meio embranquecidos, crespos e até o pescoço, entrou na casa. Era muito estimado. Para Maria e João, vivendo distantes da cidade, ele sempre foi não só recursos nas doenças da família mas também o conselheiro nas horas difíceis. Era Deus no céu e seu Antônio na Terra.

Depois dos abraços e das notícias, Maria levou-o a ver Osvaldo. O moço continuava desacordado. Seu rosto pálido parecia morto, muitas vezes Maria colocara a mão em seu peito para ver se seu coração ainda batia.

Antônio aproximou-se e colocou a mão sobre a testa de Osvaldo, fechando os olhos em oração. Todos os outros fizeram o mesmo em respeitoso silêncio.

Depois de alguns momentos Antônio abriu os olhos.

— E então? — perguntou João. — O que é que ele tem?

— Tristeza. Não quer mais viver — respondeu Antônio.

— Que horror! — disse Maria. — Tão moço e forte...

Antônio abanou a cabeça, dizendo:

— Há momentos na vida em que tudo parece sem solução.

— Mas e a fé? Deus sempre tem uma saída boa — disse Maria.

— Disse bem, Deus sempre tem uma solução boa. Mas, às vezes as pessoas não conseguem enxergar isso e se desesperam. Este moço está sofrendo muito. Pensa que, saindo da vida, vai esquecer sua desilusão. Está enganado. Quanto mais fugir, mais vai encontrá-la. É enfrentando que se consegue vencer. Ele ainda não sabe disso.

— Ele está ferido, bateu a cabeça. Será que não quebrou nada? — perguntou João.

— Ele caiu do trem, machucou o corpo, mas nada que não possa sarar. A ferida da alma é que o está corroendo e impedindo de acordar.

— O que podemos fazer quanto a isso? Como curar as feridas da alma? — indagou Maria.

Antônio balançou a cabeça pensativo:

— Nós temos a fé. Para nós, tudo fica mais fácil. Ele não tem nada. Vamos orar por ele, pedir a Deus que o faça acordar para a fé. Venham todos.

A família reuniu-se ao redor da cama de Osvaldo e deram-se as mãos. Na cabeceira, Antônio pediu que os dois últimos colocassem as mãos em seus ombros enquanto ele ficava com suas mãos livres. Em seguida, colocou-as sobre o peito de Osvaldo dizendo com suavidade:

— Vamos sentir o amor de Deus em nosso coração, sentir que Deus está movendo nossos sentimentos, e vamos pensar neste moço com carinho. Ele

está só, sem a certeza da fé, sem a bênção do conhecimento, perdido na ilusão de que a dor é mais forte do que ele. Isso não é verdade. Você não está sozinho. Nós estamos aqui e oferecemos nossa amizade, nosso carinho, nossa alegria e nossa fé em Deus. Você pode viver! Você pode continuar. Você pode enfrentar essa situação!

Um suspiro escapou do peito de Osvaldo e uma lágrima rolou no seu rosto pálido.

Antônio continuou:

— Volte, Osvaldo. Venha enfrentar os problemas da vida. Você pode. Nós estamos aqui para ajudá-lo. Venha. Nós o queremos bem e estamos juntos. Nós o apoiamos.

De repente, um soluço cortou o peito de Osvaldo. Seu corpo foi sacudido por um choro sentido, agoniado, enquanto eles continuavam as preces.

Depois ele abriu os olhos, olhando assustado para aquelas pessoas desconhecidas. Teria morrido? Estaria no céu?

— Você não morreu. Está mais vivo do que nunca. Chore, ponha para fora essa mágoa que o está atormentando. Limpe seu coração. Você pode ser feliz. Não desista. Deus o está ajudando. Quando uma porta se fecha, outras se abrem em melhores condições.

Osvaldo foi sacudido pelo pranto, que não teve forças para conter. Quando se acalmou, sentiu-se envergonhado.

— Desculpe — disse. — Não sei o que aconteceu, onde estou. Mas sinto que são meus amigos e estão me ajudando. Obrigado.

— Não se preocupe com isso. Você foi encontrado desmaiado no mato por João e seu filho Diocleciano, e eles o trouxeram para casa; estava fora de si, mas graças a Deus já voltou.

— Eu queria morrer! — disse ele angustiado.

— Mesmo que tivesse conseguido, sua dor iria com você. Não sabe que a morte não cura as feridas da alma? A vida continua e a alma nunca morre — tornou Antônio calmo.

Oswaldo olhou admirado para ele.

— Terei de carregar esta dor para sempre?

— Não. Poderá enfrentá-la e vencer.

Ele abanou a cabeça desanimado.

— Como? É mais forte do que eu!

— Não diga isso. Nada é mais forte do que você. Jamais subestime sua força. Ainda não aprendeu a usá-la, mas ela está aí, à espera que se decida.

Oswaldo olhou para Antônio sem compreender.

— Não entendo o que diz. Sinto-me fraco e sem forças.

— Descanse por ora. Está entre amigos que desejam seu bem estar.

— Antes ele vai tomar um pouco de caldo de galinha — disse Maria. — Não comeu nada. Barriga vazia dá desânimo.

Juntando o gesto à palavra, ela foi à cozinha e voltou em seguida com um prato fumegante e um pedaço de pão, colocando-os no criado-mudo.

— Pode se sentar? — indagou ela.

Ele tentou, mas o corpo doía. Ela o obrigou a ficar apoiado nos cotovelos e colocou dois travesseiros em suas costas, fazendo-o encostar. Em seguida

colocou uma toalha sobre o peito dele, apanhou o prato e a colher, chamou a filha e disse:

— Dalva, venha aqui dar a sopa para ele.

Oswaldo esboçou um gesto de protesto:

— Não precisa se incomodar. Mais tarde eu como.

Maria abanou a cabeça:

— Nada disso. Você é da cidade, mas desde já quero dizer que aqui nós não temos nada disso. Você está precisando, e Dalva vai lhe dar de comer. É melhor deixar o orgulho de lado. Eu vou dar comida aos outros.

A moça que se aproximou, colocou uma cadeira perto da cama, pegou o prato e a colher, sentou-se e calmamente começou a mexer a sopa para esfriá-la.

Oswaldo sentia-se acanhado.

Seus pais moraram em pequena cidade no interior. Quando ele tinha cinco anos, seu pai morreu e sua mãe o mandou para a casa da tia, irmã de seu pai, mulher rica, fina e educada, mas muito ocupada com a própria vida. Acolhera-o, cuidara de sua educação, dos estudos. Era severa, distante, não se permitindo demonstrações de afeto.

Distante da família, Oswaldo a princípio sofreu muito, foi obrigado a engolir seus sentimentos. Mas ainda assim respeitava a tia e agradecia por ela haver se interessado em dar-lhe abrigo e cuidar para que não lhe faltasse nada.

Ela não tinha filhos, e ele nunca soube se foi porque ela não gostava de crianças ou porque não os pudera ter. O marido, homem rico e de boa aparência,

era mais amável. Porém, como era muito ocupado com seus negócios, quase não parava em casa.

Ao conhecer Clara, linda, carinhosa, educada, Osvaldo se apaixonou perdidamente. Após o casamento, sentiu-se realizado. Ela o cercava de atenções e carinho. Com o nascimento dos filhos, ele se considerou o homem mais feliz do mundo.

— Abra a boca, seu Osvaldo, vamos!

Arrancado dos seus pensamentos íntimos, ele obedeceu. A sopa estava gostosa. Olhou para a moça sentada em sua frente. Era jovem ainda, talvez uns dezessete ou dezoito anos, rosto corado e queimado de sol, cabelos castanhos presos em uma trança que lhe caía pelas costas com a ponta amarrada por uma fita azul que ele notara quando ela se levantou para abrir as janelas. É que depois de algumas colheradas Osvaldo estava suando.

— Vou abrir só um lado, para o vento não lhe fazer mal — disse ela, sentando-se novamente com o prato na mão.

— Estou com muito calor. Acho que já chega de sopa.

— É porque está de estômago vazio. Vamos mais devagar. Acho que estou indo muito depressa. Quer um pedaço de pão? É feito em casa.

Sem esperar resposta, Dalva apanhou uma fatia e deu-a a ele.

— Experimente — disse sorrindo. — Foi Aninha quem amassou este pão. Quando ela faz isso, ele cresce mais do que comigo ou com a mãe.

Vendo que ela o olhava com olhos brilhantes esperando que experimentasse, Osvaldo levou o pão à boca e comeu um pedaço. Estava delicioso.

— É bom mesmo! Aninha quem é?

— Minha irmã mais nova. Ela tem uma mão de ouro. Tudo que faz fica bom. Vamos tomar mais um pouco de sopa.

Dalva conseguiu que ele engolisse toda a sopa e sorriu com satisfação.

— Agora vou fechar a janela para o senhor dormir. Garanto que quando acordar vai estar novo. O caldo de galinha da mãe levanta defunto!

— Obrigado — disse Osvaldo.

Depois que ela se foi, ele ficou pensando.

Que gente boa! Não o conheciam e no entanto o estava tratando como se fosse da família. Melhor que sua tia, que nunca dava sopa na boca quando ficava doente!

Lembrou-se de Clara e sentiu um aperto no peito. Ela era carinhosa... Tudo fingimento! Como estariam os meninos? Marcos está com oito anos. Era um homenzinho. Carlinhos estava com cinco. Clara lhes contaria a verdade? O que pensariam do seu desaparecimento?

De certa forma, arrependeu-se de ter saído sem falar com alguém. Teria sido justo deixar os filhos em companhia de uma pessoa como ela? Teria sido egoísta pensando só em sua dor e esquecido do bem estar das crianças?

Remexeu-se inquieto. Teria sido por isso que Deus lhe conservara a vida?

Antônio entrou no quarto e sentou-se na cadeira ao lado da cama.

— Como se sente?

— Melhor, obrigado.

— Vou fazer um remédio e você vai tomar direitinho. Ele vai ajudar a curar as feridas do coração.

Oswaldo suspirou:

— Essas não têm cura.

Antônio sorriu:

— Tem, sim, você vai ver. Não duvide do poder de Deus. Ele lhe poupou a vida porque você precisa cumprir seu destino no mundo.

Oswaldo admirou-se:

— Como sabe que eu estava pensando nisso?

— Eu sei.

— O que é que você sabe?

— Primeiro, que você não estava no seu juízo quando resolveu se atirar daquele trem. Por isso ele o ajudou. Mas agora você tem sua parte. Tocar a vida para frente e não pensar mais em bobagem

— Sei o que quer dizer. Acho que não vou fazer novamente, tenho dois filhos. Fui egoísta pensando só em mim. Eu os abandonei. Agora sinto que não posso fazer isso.

— Sua cabeça ainda está confusa. Você não deve decidir nada enquanto não estiver bem.

— Nunca mais vou ficar bem como antes. Assim que melhorar, vou voltar e buscar meus filhos.

— Agora não é hora de pensar nos outros. Você precisa recuperar sua saúde, esfriar a cabeça. Qualquer decisão que tomar agora lhe trará arrependimento.

O rosto de Osvaldo contraiu-se dolorosamente.

— Minha mulher não é digna de ficar com eles.

— Não pense nisso agora. A raiva, a mágoa torcem os fatos. Vou preparar o remédio e já volto.

Saiu e retornou pouco depois com um copo em que havia dois dedos de um líquido esverdeado, que estendeu para Osvaldo.

— Beba — disse.

Osvaldo obedeceu. Era amargo e forte, e ele sentiu queimar sua garganta à medida que o engolia.

— Agora deite-se — continuou Antônio, tirando os travesseiros de suas costas, deixando apenas um.

Osvaldo obedeceu. Antônio segurou sua mão, dizendo:

— Vamos rezar. Nós não temos poder algum sem Deus. Ele é quem comanda tudo no universo. É preciso entender isso e chamá-lo toda vez que formos fazer alguma coisa, não só na hora da dor, como agora. Depois que receber ajuda, quero que se lembre disso e seja agradecido. A vida é cheia de graças e de coisas boas. O sol, a chuva, a saúde, o corpo, os alimentos, os amigos, a família, tudo é Deus quem dá. Ele sabe do que nós precisamos. Junta as pessoas conforme é preciso para nossa felicidade.

Osvaldo pensou em Clara e agitou-se. Antônio continuou:

— Deus não erra. Por mais que as coisas sejam ruins, que não possamos entender o que ele quer, tudo está certo, do jeito certo.

Osvaldo não se conteve:

— Como posso achar certo minha mulher me trair? Como posso achar bom um casamento com uma pessoa falsa e maldosa?

— Ela apareceu em sua vida por uma necessidade sua. Se não tivesse de passar por essa experiência, teria se casado com outra ou sua mulher não teria feito isso. A vida nunca erra.

— Não posso entender o que está dizendo. Não concordo.

— Não faz mal. Agora você precisa descansar. Outro dia conversaremos sobre isso.

— Peça a Deus que me faça esquecer. É o que eu mais quero.

— Enquanto guardar a mágoa dentro de você, não conseguirá esquecer. Vamos pedir a Deus que o ajude a perdoar. É o mais certo.

— Perdoar? Acha que posso?

— Acho que pode e deve. É a única forma de se libertar do peso que está carregando.

— Nesse caso será difícil. Não consigo.

— Feche os olhos. Pense em seus filhos, no bem que lhes deseja, no amor que sente por eles.

O rosto de Osvaldo descontraíu-se. Seus traços se suavizaram e Antônio murmurou sentida prece pedindo a Deus que abençoasse Osvaldo, a família, os moradores daquele lar. Quando terminou, Osvaldo estava dormindo. Antônio soltou a mão dele que detinha entre as suas, levantou-se e saiu sem fazer ruído.

— E então, como está ele? — perguntou João.

— Dormindo. Deverá tomar o remédio três vezes por dia. Se ficar muito triste ou inquieto, pode dar mais vezes. Agora tenho de ir.

— Diocleciano leva você de volta — disse João.

— Embrulhei umas broas e um pão para você levar — disse Maria. — A cesta já está na carroça.

— Obrigado. Não precisava se incomodar.

— Qual o quê, isso não é nada.

— No domingo eu volto para vê-lo — disse Antônio, ao abraçar todos em despedida.

— Diocleciano vai buscar você para almoçar. Vou fazer uma sobremesa especial.

— Dona Maria está me deixando mole com tanto denço. Cuidado, que posso me acostumar!

Eles riram satisfeitos, abanando a mão em despedida quando a carroça virou em uma curva da estrada. João abraçou Maria e juntos voltaram para dentro de casa.

Nos dias que se seguiram, Osvaldo foi melhorando. As dores no corpo passaram, mas as marcas roxas e o ferimento no braço que tinha machucado nas pedras ao rolar pela ribanceira ainda estavam visíveis. Apesar disso, dois dias depois ele não quis mais ficar na cama.

— Acho que devia descansar mais um pouco — disse Maria, vendo-o aparecer na cozinha.

— Estou bem. Não agüento mais ficar lá, pensando na vida, enquanto todos aqui trabalham o dia inteiro. Vocês têm sido tão bons para mim, tratando-me como se eu fosse da família. Gostaria de retribuir de alguma forma, fazendo alguma coisa.

Ela parou de mexer a comida na panela que fumegava no fogo, colocou a tampa, voltou-se para ele e respondeu:

— Não precisa fazer nada.

— Saiba que sou muito grato a todos pelo carinho. A senhora tem uma família maravilhosa.

Ela sorriu.

— Eu sei. Todos os dias dou graças a Deus por isso. Quer uma xícara de café?

— Aceito.

Ela colocou o café na caneca, adoçou-o e a entregou a ele.

— Estou lhe dando trabalho.

— Vivemos longe da cidade. Temos muitos amigos, mas recebemos poucas visitas. É que moram longe e vivem ocupados com a plantação. Às vezes aos domingos alguns aparecem, e para nós é uma festa. Apesar do que lhe aconteceu, sua presença aqui é bem-vinda.

— Bondade sua. Mas no momento não sou boa companhia para ninguém.

— Que nada! Minha finada mãe dizia que tudo passa neste mundo. Eu acredito. Sua tristeza vai passar e a vida ainda lhe trará muitas alegrias.

Embora não concordando, Osvaldo sorriu e não a contradisse. Para quê? Não queria entristecê-la com seus problemas.

— Em todo caso, sinto que preciso fazer alguma coisa. Ocupar-me. Trabalhar. Ficar naquela cama pensando não está me ajudando muito.

— Bom, quanto a isso tem razão. O trabalho é um santo remédio. Mas acho que o senhor ainda está muito machucado. Melhor esperar um pouco mais.

João ia entrando, e Maria, vendo-o, continuou:

— Ele quer trabalhar, João. Acho que é cedo.

— Preciso fazer alguma coisa, me ocupar.

— Maria tem razão. O senhor é moço da cidade. Não está acostumado ao trabalho da roça. Aqui é só o que temos para oferecer.

— Gostaria que não me chamassem de senhor. Vocês são meus amigos. Sinto que preciso me movimentar. Nunca trabalhei na roça, mas posso aprender. Não tenho medo de serviço. Quero fazer alguma coisa. Deitado naquela cama, as lembranças não me deixam descansar. Trabalhar vai ser bom.

— Está certo. Só que ainda é cedo para começar. Mas pode ir comigo depois do almoço para a plantação e ver como é. Está uma beleza. O algodão está começando a abrir e logo começaremos a colheita. Até lá, penso que estará bem para nos ajudar. Vamos falar com Antônio no domingo e saber o que ele acha.

— Vocês confiam muito nele.

Foi Maria quem respondeu:

— É um santo homem. Tem nos ajudado muito. Possui grande sabedoria. Muita gente daqui e da cidade o procura para pedir conselhos. Onde ele coloca a mão, tudo melhora.

— Ele fez você voltar à vida. Parecia morto. Eu estava achando que ia morrer mesmo. Foi só ele rezar, pôr as mãos em sua cabeça e pronto: você acordou. Esteve dormindo por dois dias! — João concluiu

— Foi um gesto tresloucado. Na hora nem pensei em meus filhos

— Felizmente já passou — disse Maria.

— É. Passou.

— Agora é melhorar. O tempo é santo remédio — tornou Maria

— Preciso pensar no que fazer da minha vida. Recuperar meus filhos, tirá-los da mãe, que não tem condições morais para cuidar deles

— Tem tempo para pensar no que fazer. Antes precisa se cuidar e ficar bem. Não dá para resolver nada com a cabeça quente. Foi o que seu Antônio aconselhou — concluiu João.

— É. As idéias todas se misturam na minha cabeça. Há horas penso uma coisa, depois outra. Não sei o que fazer.

— Não precisa fazer nada agora — retrucou Maria. — Espere a poeira assentar.

— Tentarei, Dona Maria.

— Se me tratar de dona, eu o trato de senhor.

Oswaldo sorriu.

— Está certo. Vamos deixar as cerimônias de lado. Mas vocês fizeram muito por mim. Preciso procurar um lugar para ficar. Estou aqui a há quase uma semana.

— Alguém está lhe mandando embora? — perguntou João.

— Não, mas...

— Você vai ficar aqui quanto quiser. O quarto de Juvêncio é vazio — disse Maria.

— Isso mesmo — reforçou João. — Pode ficar quanto quiser. A casa é sua.

— Obrigado.

Oswaldo sentia-se acanhado. Não queria abusar, mas o olhar alegre dos novos amigos, no qual perce-

bia sinceridade e carinho, deixava-o à vontade para ficar um pouco mais.

— Eu gostaria muito de ficar algum tempo por aqui. Mas estou sem roupas. Achei que não iria precisar mais delas. Há alguma loja por aqui onde eu possa comprar alguma?

— De vez em quando seu Jorge aparece vendendo. Mas não sei quando ele vem — informou João.

— Seu Jorge pode demorar. É melhor ir até Varginha. Diocleciano leva. Lá você vai encontrar o que comprar — sugeriu Maria.

— É longe?

— Não. Pouco mais de uma hora — esclareceu João.

— Se me ensinarem, posso ir sozinho. Diocleciano trabalha e não pode perder dia de serviço.

Maria sorriu:

— Você vai se perder e dar mais trabalho para ir procurar. Depois, Diocleciano vive procurando jeito de ir à cidade. Não sei o que há lá que ele sempre quer ir. Vai ficar feliz da vida em poder levá-lo.

Oswaldo esboçou um sorriso.

— Se é assim, aceito. Quando poderemos ir?

— Amanhã mesmo.

Oswaldo concordou. Depois do almoço, quis ir com João conhecer a plantação. Arregaçou as calças e colocou na cabeça o chapéu de palha que Maria lhe emprestou, provocando hilaridade entre as meninas e brincadeiras de Diocleciano:

— Vai andar na roça com esses sapatos?

— O que é que têm meus sapatos São de muito boa qualidade

— Eu sei — retrucou o rapaz sorrindo —, mas são para andar na cidade. E se pisar em alguma cobra?

— Cobra? — assustou-se Osvaldo.

— Não ligue para ele — interveio Maria. — As cobras têm mais medo da gente do que a gente delas.

— Lá existem cobras, e vocês vão assim, sem nada? — admirou-se Osvaldo.

— Existem algumas perto do rio ou dentro da mata fechada. Na estrada não aparecem. Mas, se aparecerem, sei lidar com elas — garantiu João. — Ainda quer conhecer a plantação?

— Claro. Se vocês não têm medo, eu também não.

— Assim é que se fala. Se vai à cidade, é bom comprar um par de botas — concluiu João.

Vendo-os sair, Dalva aproximou-se da mãe, dizendo:

— Será que ele não vai ficar com medo? Gente da cidade é tão cheia de denço.

— Mas ele não parece ser assim. Diocleciano não precisava pôr medo nele.

— Só quero ver quando voltarem — disse Aninha.

— É bom que ele esteja com vontade de trabalhar — tornou Maria. — É sinal de que está querendo continuar a viver.

— Por que ele quis se matar? — perguntou Dalva.

— Por causa da mulher. Ele a encontrou com outro homem.

— Ele devia amá-la muito! — considerou Aninha, suspirando.

— Pois eu acho que ela não merecia que ele se suicidasse. Deve ser uma mulher leviana. Ainda mais tendo filhos! — argumentou Dalva.

— Não faça mau juízo de quem não conhece. Não sabemos como as coisas aconteceram. Depois, não temos nada com isso e não devemos ficar falando mal da vida alheia.

— É que ele parece estar sofrendo tanto! Será que ela não pensou na dor que iria causar?

— Essas coisas são complicadas e não somos nós que devemos julgar. O melhor será rezarmos por todos dessa família. Deus faz tudo certo. Ele pode tudo. Vai dar jeito e não adianta ficarmos tentando explicar o que não temos como compreender.

— Eu não vou rezar para ela, não.

— Por que, Dalva? Não se esqueça de que são os que mais erram que precisam de orações. Pode haver mais infelicidade do que errar, arrepender-se e não poder voltar atrás?

— Será que ela se arrependeu? — indagou Aninha pensativa

— É possível. Pode ser que nesta hora ela esteja chorando arrependida, sem poder refazer o que perdeu. Há pessoas que só valorizam a família quando a perdem. Ela pode ser uma delas. Nesta hora pode estar sofrendo tanto quanto ele.

— É verdade, mãe. Não havia pensado nisso. Estava até com raiva dela — disse Dalva.

— Espero que tenha passado e que você reze por ela. Pode ter certeza de que ela deve estar precisando.

— Vou rezar.

— Agora trate de recolher a roupa do varal. Está seca.

— Vamos, Aninha — convidou Dalva.

Olhando as duas que abraçadas se dirigiam ao quintal, Maria riu com satisfação. Elas eram dóceis e obedeciam de boa vontade.

Foi para a cozinha bater um bolo de fubá, que era o preferido de João. Enquanto separava os ingredientes, lembrou-se de uma canção antiga e começou a cantar. Sentia-se feliz.

CAPÍTULO 3

Clara levantou-se inquieta. Mal pregara os olhos a noite toda. Tinha vontade de desaparecer, sumir, para não ter de tolerar os desaforos da família de Osvaldo, inconformada com o que acontecera. Eles lhe telefonavam ameaçando denunciá-la à polícia caso Osvaldo fizesse uma besteira. Se ao menos ela tivesse idéia de onde ele havia se metido!

A atitude dele era de esperar. Nunca fora capaz de enfrentar nenhuma dificuldade. Quando um problema aparecia, tratava logo de fugir, deixar para depois. O pior era que sempre colocava a culpa nos outros. Nunca reconhecia as besteiras que fazia.

Claro que encontrá-la aos beijos com Válter fora um choque. Por que se deixara envolver pela tentação? Sentira-se atraída por ele desde que o vira pela primeira vez na casa de seu cunhado Antônio.

Além de bonito, inteligente, alegre, Válter possuía um magnetismo forte, que fazia com que o coração dela disparasse quando ele a fixava. Clara lutou contra aquela atração. Nunca havia traído o marido naqueles dez anos de casamento.

Reconhecia que Osvaldo, apesar de não ser o homem de seus sonhos, era dedicado à família, trabalhador e a amava muito.

Válter era o chefe de Antônio e o ajudara muito a fixar-se na empresa e a melhorar seus vencimentos. Tornaram-se amigos e, como ambos eram solteiros, passaram a sair juntos, um freqüentando a família do outro. Por isso, sempre que Clara ia à casa da sogra

aos domingos ou em qualquer reunião da família, encontrava Válder.

Com o tempo, conhecendo-o melhor, passou a admirar seu jeito de ser. Estava sempre alegre, tudo para ele era fácil. Vivia de bem com a vida, tinha idéias próprias, não se deixando levar por ninguém.

Antônio vivia contando como Válder enfrentava os desafios na empresa com coragem, determinação, e acabava levando a melhor.

Esse era o tipo de homem com o qual Clara sonhara ter casado. Não podia evitar compará-lo a Osvaldo, que perdia cada dia mais. Nunca ele lhe parecia tão inexpressivo, sempre evitando problemas, contornando situações, com medo de enfrentá-las.

“Válder não faria isso!”, pensava ela.

Um dia aconteceu o inevitável. Num momento em que ficaram a sós na casa de sua sogra, ele a tomou nos braços, beijando-a rapidamente nos lábios. O coração de Clara disparou, suas pernas tremeram e ela perdeu o fôlego.

Mas o ruído de Dona Neusa voltando à sala separou-os imediatamente sem que trocassem nenhuma palavra.

A partir daquele dia, Válder começou a telefonar para sua casa dizendo-se apaixonado. Queria marcar um encontro em algum lugar, mas Clara, apesar de viver desejando isso, recusava-se. Tinha medo do sentimento forte que começava a tomar conta de seus pensamentos, não a deixando em paz.

Finalmente concordou. Uma tarde, enquanto as crianças estavam na escola, ela saiu discretamente,

tomou um táxi e foi ao encontro de Válter em um apartamento na periferia.

Quando ele abriu a porta, ela sentiu vontade de recuar. Ele, porém, puxou-a pelo braço, fechou a porta e abraçou-a com força, beijando-lhe repetidamente os lábios.

Clara deixou-se dominar pela emoção. Entregou-se às carícias dele com paixão, descobrindo emoções que nunca se julgara capaz. Foi um encontro inebriante.

De repente ela olhou para o relógio, dizendo assustada:

— Tenho de ir. Preciso pegar as crianças na escola.

— Quero ver você amanhã.

— Não sei. Tudo isso é uma loucura. Temos de parar. Sou casada, tenho filhos, não posso continuar com isso.

Válter abraçou-a com força, beijando-a longamente nos lábios.

— Fomos feitos um para o outro, Clara. Não podemos negar isso.

— Você apareceu em minha vida um pouco tarde.

— Nunca é tarde para o amor.

— Não posso fazer isso com Osvaldo. Ele não merece.

— Sei que não. Mas eu a amo e você me ama. Nós não merecemos sofrer. Amanhã à tarde quero tê-la em meus braços de novo.

— Não sei. Você tem de trabalhar.

— Eu posso sair sem problemas. Você também pode.

— Agora tenho de ir. Não posso esperar nem mais um minuto

Ela saiu, conseguiu um táxi e pelo caminho tentou acalmar suas emoções em conflito. Não podia continuar com aquilo. Não iria encontrá-lo no dia seguinte, nem nos outros dias.

Contudo, no dia seguinte, conforme o tempo passava e a hora que ele marcara se aproximava, a decisão de Clara de não ir ao encontro ia enfraquecendo.

Quando deu por si, estava dentro do táxi, arrumada, cheirosa e com o coração batendo de ansiedade para o novo encontro.

Durante uma semana eles se viram todas as tardes. Depois, Clara conseguiu dominar-se. Ele precisava trabalhar e ela não queria prejudicá-lo. Acabaram combinando encontrar-se duas vezes por semana naquele local.

Entretanto, continuavam se encontrando nas reuniões de família e Clara fazia enorme esforço para não demonstrar o que sentia. A cada dia sentia-se mais apaixonada e Válter correspondia.

Um dia aconteceu o inevitável. De repente, Osvaldo percebeu uma troca de olhares, um gesto de intimidade. Desconfiou. Sentiu o sangue gelar nas veias à simples hipótese da traição. A cada dia sentia aumentarem suas desconfianças.

Resolveu investigar. Contratou um detetive e logo descobriu onde Clara ia duas vezes por semana e com quem se encontrava. Preparou o flagrante e naquela tarde, quando ela tomou o táxi, seguiu-a. Ficou

lá, em frente à porta do apartamento, esperando que ela saísse. Quando a porta se abriu, ele pôde ver Válter abraçando e beijando Clara com paixão. Não se conteve. Atirou-se sobre eles gritando:

— Traidores! Vou acabar com vocês!

Os dois, paralisados pela surpresa, separaram-se imediatamente.

Oswaldo agarrou Clara pelos braços, sacudindo-a vigorosamente:

— Por que você fez isso? Por quê? Vou matar vocês dois! Nunca pensei que pudessem ser tão vis.

Válter tentou colocar-se entre os dois enquanto o detetive mais seu ajudante que fotografara a cena intervinham, conseguindo separá-los.

— Que é isso, seu Oswaldo? — disse o detetive. — O senhor prometeu não usar violência. Temos a lei do nosso lado. Não vou permitir que agrida ninguém. Acalme-se. Somos civilizados. Vamos conversar e ajustar tudo dentro da lei.

Oswaldo, pálido, conteve-se a custo. A dor era tanta que ele ficou sem saber o que dizer. Clara chorava assustada, pedindo que não a matasse.

Mesmo agora, quase um mês depois, ela não conseguia esquecer o terror daquele momento.

A partir daí sua vida tornou-se um pesadelo. Sua sogra viera pedir-lhe contas e ameaçara tirar seus filhos.

— Você não é digna de tomar conta deles. Qualquer juiz me dará ganho de causa. Não pense que vai receber algum bem de Oswaldo com a separação. Ele tem provas da sua infidelidade. Vai sair do casamento sem nada. Terá de trabalhar para comer. Assim

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Zibia Gasparetto Quando e Preciso Volt..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).